

Dólar e taxas de juros seguem em alta

MAURÍCIO PALHARES * E
PAULA PAVON

Washington — AP

SÃO PAULO — As taxas de juros e do câmbio continuaram a subir ontem, sem se deixar contaminar pelo otimismo que predominava na bolsa de São Paulo por conta da expectativa positiva em relação à votação da reforma da Previdência. No mercado financeiro, as atenções estão voltadas para o fluxo cambial, que continua negativo.

Desde sexta-feira, as saídas já estão perto de US\$ 1,3 bilhão. Ontem, até às 19h30, o saldo cambial estava negativo em US\$ 338 milhões e voltaram a crescer as perdas de divisas pelo câmbio flutuante que alcançavam US\$ 125 milhões. Na terça-feira, as saídas alcançaram US\$ 357 milhões, sendo US\$ 60 milhões pelo flutuante. A moeda norte-americana encerrou cotada a R\$ 1,58 na compra e R\$ 1,59 na venda no câmbio comercial, em mais um dia de baixo volume de negócios. No flutuante, o dólar fechou em R\$ 1,60 e R\$ 1,62. O spread entre as cotações do dólar no comercial e no flutuante caíram. Ontem, a diferença entre os dois segmentos era de R\$ 0,20.

Os contratos de câmbio futuro fecharam em R\$ 1,574, com alta de 4,96%, para o primeiro vencimento. Para março, a cotação fechou em R\$ 1,603, com valorização de 2,52%, enquanto para abril ficou em R\$ 1,630, em + 1,56% em relação ao fechamento de terça-feira.

A bolsa de São Paulo passou mais um dia olhando para o Congresso e encerrou com alta de 3,97% e volume expressivo: R\$ 656,155 milhões. Na semana, a valorização é de 13,7% e no mês, 13,1%.

Títulos — Os títulos da dívida externa também tiveram pouca variação, refletindo as expectativas em relação ao ajuste fiscal. O papel de maior liquidez, o C-Bond, foi negociado a 59% do seu valor de face, contra 58,25% de terça-feira. O IDU recuou um pouco, passando de 87,25% para 86% do seu preço original. O Brazil 27 apresentou alta de 0,25%, sendo vendido no final do dia a R\$ 0,67.

No início da tarde, o discurso do presidente do Federal Reserve Board, (Fed), Alan Greenspan, no qual dizia que a economia americana estava alavancada demais e que seria difícil manter o seu nível de crescimento por muito mais tempo, fez a bolsa paulistana recuar um pouco. A alta desceu dos 3,57% para 1,50%. No restante do dia, a bolsa ficou sempre perto dos 4% de valorização.

Juros — Enquanto a bolsa subia o mercado de juros se adaptava à perspectiva de um novo período de aumento das taxas. O Banco Central tomou dinheiro no mercado overnight de operações interbancárias à taxa de 32,5% — 0,5 ponto percentual acima do dia anterior. A sinalização, para os bancos, foi que a taxa pode subir 0,5 ponto percentual ao dia daqui para a frente. Se essa for a estratégia, até a próxima reunião do Copom, em 13 de março, a Selic estará em 46,5% ao ano.

Por essa razão, os juros no mercado futuro voltaram a ficar pressionados ontem. Segundo operadores do mercado, o governo vai usar a alta dos juros para forçar os exportadores a fechar logo o câmbio de suas vendas externas para não perder o receita das altas taxas das aplicações no mercado doméstico. Os contratos com vencimento em fevereiro, que projetam as taxas para janeiro, fecharam a 33,55% ao ano. Anteontem, estes contratos projetavam taxas de 33,10%. Os contratos com vencimento em março registraram taxa de 42,70%, contra 39,84% no dia anterior. Já para abril, a taxa ficou em 40,18%, bem mais acima da taxa de terça-feira, de 37,71%.

Operadores acreditam que, mesmo se for confirmada a aprovação da MP dos servidores, o dia hoje deverá iniciar-se com alguma queda nas bolsas, já que, depois de quatro altas consecutivas, deverá ocorrer uma realização de lucros por parte dos investidores. Porém, essa tendência deverá ser revertida ao longo do dia. Com a colaboração do Congresso, a volta dos investidores estrangeiros deverá se intensificar, já que os papéis continuam com seus valores ainda muito depreciados.



O presidente do Fed, o banco central americano, Alan Greenspan: contágio pela crise cambial brasileira ameaça economia dos Estados Unidos